



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Carmelinda Carla Carvalho e Silva

Universidade Estadual do Piauí

orcid.org/0000-0001-5349-5658

carmelinda.sig7@gmail.com

Raimunda Celestina M. da Silva

Universidade Estadual do Piauí

orcid.org/0000-0002-2282-8883

r.celestina@uol.com.br

“Tenda Dos Milagres” de Jorge Amado: a resistência negra como instrumento da cultura

RESUMO: Os negros africanos e seus descendentes mestiços e crioulos deram enormes contribuições para a formação da identidade cultural brasileira. Muitos dos aspectos dessa cultura como a língua, as danças e a religiosidade resistiram ao tempo e as repressões conduzidas pelo colonizador, e hoje fazem parte do cotidiano e da vida de todos os brasileiros. Sua história de sofrimentos e lutas se agrega a própria história do Brasil e servem como norteadoras da identidade nacional. Em Tenda dos Milagres, Jorge Amado aborda as questões do preconceito, do racismo, da intolerância religiosa, da militância contra o preconceito e a violência e o extremismo dos brancos diante dos rituais e cultura de origem africana. Objetivando analisar a obra pelo viés da teoria de resistência utilizou-se como principais aportes teóricos Bosi (2002), Pantoja (2012), Bastide (1971), Mattos (2012), e Sousa (2014), que trata da história e cultura afro-brasileira e ainda Willeman e Lima (2016), que tratam das questões a respeito do preconceito e intolerância religiosa no Brasil.

Palavras-Chave: Resistência negra; Cultura afro-brasileira; Tenda dos Milagres; Jorge Amado.



INTRODUÇÃO

Entende-se por cultura afro-brasileira o conjunto das manifestações culturais que sofreram influência cultural dos povos originários do continente africano. Ainda em tempos de Brasil colônia, trazidos forçadamente através do tráfico negreiro, os povos africanos, com a contribuição indígena e europeia, transformaram o território brasileiro numa miscelânea de cores, sabores, sons e religiosidade que se transformaram numa marca norteadora da identidade cultural brasileira.

É a partir dessa afirmação que trata do percurso histórico do negro no Brasil que este estudo se propõe a fazer uma análise da condição do negro no período pós-colonial, mais especificamente no final do século XIX e início do século XX, e os reflexos deixados na cultura nacional, por meio da narrativa de *Tenda dos Milagres* de Jorge Amado.

Nessa perspectiva este trabalho tenciona esclarecer a respeito de todo o legado deixado pelos negros africanos e da importância da cultura negra para a formação da identidade nacional, buscando comprovar por meios analíticos a forma como Jorge Amado transforma a narrativa de *Tenda dos Milagres* em um ambiente de militância em prol da cultura negra e faz ressoar por meio destas suas ideologias e valores.

No decorrer desta análise ficará evidente a forma como Jorge Amado se apropria de temáticas étnico-culturais para abeirar-se de questões como o racismo, intolerâncias, e preconceitos para assim promover através da fala de seu personagem central, discursos libertários impregnados de ideologias que questionam o domínio supremo do eurocentrismo.

As considerações aqui feitas nasceram da leitura analítica de *Tenda dos Milagres* como objetivo de demonstrar através de métodos indutivos a forma como o escritor baiano Jorge Amado reivindica, e defende a valorização do negro e de sua cultura, fazendo de sua narrativa um instrumento de resistência política e social pelo fim da hierarquia de raças e pelo reconhecimento da negritude como fator primordial para a formação da nação brasileira.

A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro



A cultura afrodescendente no Brasil é rica e diversa, transcende fronteiras. Sua trajetória é marcada por episódios de lutas, enfrentamentos contra o racismo, preconceitos e pela busca por uma afirmação e preservação de sua identidade cultural como elemento essencial para a formação do povo brasileiro. Entretanto, apesar de abrigar em seu território a maior população africana fora da África, nos dias atuais a cultura afro-brasileira ainda é estigmatizada e até reprimida. Essa problemática tem raízes históricas profundas e remetem ao período colonial, fruto das invasões territoriais europeias que resultaram na dominação, e posterior exploração da mão de obra escrava.

Os negros, a maioria proveniente de regiões da África equatorial, Congo, Sudão, Angola e África ocidental, foram trazidos de forma desumana para terras brasileiras como substitutas da mão de obra indígena que resistiu à escravização. Com isso, o negro se tornou uma das mercadorias que mais gerou lucros à colônia, visto que faziam todo o trabalho braçal sem descanso e sem qualquer tipo de remuneração.

A precariedade em que viviam, os abusos, a dureza do trabalho e os castigos cruéis a que eram submetidos levaram muitos escravos ao suicídio, assassinato de feitores, principalmente às fugas e a formação de quilombos. Foi convivendo com índios e brancos que os negros encontraram meios para se organizar e manifestar sua cultura ancestral responsável por influenciar profundamente a cultura nacional.

Essa afirmação é corroborada por Clóvis Moura (1983, p.140), ao ressaltar que “a contribuição do negro foi das mais substantivas e significativas ao desenvolvimento de nossa própria cultura”. Este reforça ainda que “a presença negra em terras brasileiras [...] não foi morta, nem insignificante, nem periférica, nem inferior e não é folclórica. Foi e continua sendo – durante a escravidão como agora – uma cultura de resistência dos oprimidos no Brasil” Com isso, é preciso ressaltar que o negro não chegou aqui como um ser aculturado, a heterogeneidade étnica e cultural dos povos africanos era intensa e embora lhes tenha sido imposta a assimilação dos hábitos e costumes europeus, o desafio do



negro foi e é até hoje o de resistir ao apagamento da sua ancestralidade.

O território baiano, epicentro do maior contingente de negros vindos da África, por volta de 1549 e 1550, foi um dos estados que mais sofreu influência dos povos provenientes do continente africano. Isso se deu, tendo em vista a grande quantidade de negros recebidos no período do tráfico negreiro, bem como com sua migração após o fim do ciclo da cana-de açúcar na região Nordeste. Dispersados por todo o Brasil, mas concentrados em grande número na Bahia, a cultura afro-brasileira resistiu, influenciando na vida cotidiana, nos costumes, na dança, na música, na gastronomia e na religiosidade tornando-se marca norteadora da identidade cultural brasileira.

Um exemplo desse processo de resistência étnico-cultural e do seu papel histórico na construção da identidade cultural brasileira é a forte presença do sincretismo religioso. O sincretismo é um fenômeno que integra e engloba elementos de diferentes doutrinas com a manutenção de traços marcantes de suas doutrinas originais. O sincretismo representa a junção de elementos indígenas, católicos e de origem afro, que formam um ponto de incidência entre tradições distintas. Esse fenômeno é o resultado da imposição histórica da cultura europeia sobre a cultura negra, ocorrida durante e após a colonização do Brasil.

Quando desembarcaram em terras Tupiniquins, os negros capturados que sobreviveram às condições degradantes nos navios negreiros, além de serem escravizados, foram impedidos de exercer suas crenças, e obrigados a assimilar e adotar a cultura, os hábitos e a religiosidade europeia. Regiane Augusto de Mattos em seu livro: *História e cultura afro-brasileira* corrobora com essa afirmativa ao salientar que:

Nesse caldeirão social os negros tentaram garantir a sobrevivência, estabelecendo relações com seus companheiros de cor e de origem, construindo espaços para a prática de solidariedade e recriando sua cultura e visão de mundo, dessa maneira integraram as irmandades católicas, praticaram o islamismo e o candomblé e reuniram-se em atabaques e capoeiras. (MATTOS, 2012, p. 155)

Conforme observado, para conseguir preservar sua cultura os negros assimilaram aquilo que era compatível com sua própria cultura, e mantiveram na ilegalidade muito de sua essência cultural, fato que ajuda a explicar o surgimento do sincretismo

religioso. Nessa perspectiva Abdias do Nascimento articula que:



Segundo a imagem que este mito [sincretismo religioso] pretende transmitir, as religiões africanas, ao se encontrarem no Brasil com a religião católica, ter-se-iam amalgamado ou se fundido naturalmente, intercambiando influências de igual para igual, num clima de fraterna compreensão recíproca. Entre outros, Roger Bastide demonstrou exaustivamente o contrário; que longe de resultar de troca livre e de opção aberta, o sincretismo católico-africano decorre da necessidade de que o africano e seu descendente tiveram de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante. As religiões africanas efetivamente postas fora da lei pelo Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso da sincretização. [...] Tem sido o sincretismo mais outra técnica de resistência cultural afro-brasileira do que qualquer das explicações “científicas” propagadas com fito domesticador. (NASCIMENTO, 1978, p.108):

Em suma, o teórico corrobora com a ideia de que a mescla de elementos religiosos representam uma estratégia legítima de sobrevivência na tentativa de preservação da identidade negra.

No Brasil o sincretismo é representado principalmente pela Umbanda e pelo Candomblé, as religiões de matriz africana que mais se destacam no cenário sincretico religiosos no Brasil e que Jorge Amado descreve com riqueza de detalhes em *Tenda dos Milagres*. Ambas apesar de diferirem em alguns pontos, resguardam como característica comum a ancestralidade negra.

Já o candomblé baseia-se no culto aos Orixás, entidades que representam as forças da natureza e se manifestam através da incorporação. Ainda segundo a historiadora Regiane Augusto de Mattos (2012, p. 160) “As primeiras referências ao candomblé no Brasil datam do século XIX”, chegaram ao país juntamente com os negros africanos, misturando-se ao catolicismo de forma que seus praticantes “mascaravam” a imagem dos santos católicos para assim, escaparem da censura da igreja, do Estado e da sociedade escravocrata que os impediam de exercer sua religiosidade.

Assim, como o Candomblé, a Umbanda, o Afoxé, manifestação de origem lorubá surgiu em meio a um cenário de grande repressão cultural, por tratar-se de um elemento diretamente ligado ao candomblé e à ancestralidade negra. Em *Tenda dos Milagres* Jorge Amado narra episódios em que o desfiles dos blocos de Afoxé



chegaram a ser severamente reprimidos pelas forças policiais com a justificativa de que causavam baderna e desordem social.

Fortemente ligado à religião e a música essa manifestação cultural foi uma das primeiras atrações a desfilarem pelas ruas da Bahia em 1885, como confirma Regiane Augusto:

Na década de 1980, os chamados blocos afros surgiram em Salvador na tentativa de reafricanizar o carnaval de rua baiano. Esses blocos reinventaram as tradições da cultura negra, buscando a sua ligação com a África ao divulgar a história das sociedades africanas e exaltar os heróis africanos e afro-brasileiros. (MATTOS, 1012, p. 202)

Marcada pela dança e melodias entoadas nos terreiros o termo *Afoxé* significa “pó mágico” ou “enfeitiçar” e está longe de ser apenas mais um bloco de rua, pois segundo Regiane Mattos:

Aparticipação desses blocos afros não se restringe apenas ao carnaval. A fim de denunciar a desigualdade racial e a discriminação do negro, esses blocos atuam em projetos de desenvolvimento das comunidades negras e na preservação da cultura afro-brasileira” (MATTOS, 1012, p.202)

Conforme salientado pela historiadora, dentro da política de resistência negra no Brasil o Afoxé, bem como as demais manifestações culturais de mesma origem, é mais que uma manifestação cultural, é também um movimento de expressão político-social à medida que resiste na luta pela preservação e valorização dos direitos do negro na sociedade.

Assim, como o candomblé, a capoeira, também é uma herança da escravidão dos negros africanos. Essa expressão artística é uma espécie de luta que mescla música, esporte, dança e cultura popular, e foi criada pelos negros como estratégia de defesa da violência praticada pelos capitães do mato e feitores das fazendas. Por ser proibido qualquer tipo de luta, os negros passaram a desenvolver a capoeira acrescentando a música como forma de disfarce para que pudesse ser praticada livremente sem a interferência dos senhores.

Assim sendo, é incontestável a influência do negro na formação da identidade cultural brasileira, mas apesar de todas essas manifestações terem conseguido resistir às pressões ideológicas da sociedade racista e preconceituosa, ainda na atualidade essas manifestações são vítimas de perseguições e tentativas de repressão que acontecem em forma de racismo, preconceitos e violação dos direitos a liberdade religiosa. Seguindo esse raciocínio Silva e Soares (2015, p. 5), assevera que “[...] o que ora se apresenta como um

fenômeno de rejeição às religiões de matriz africana corresponde à negação da identidade negra no Brasil”.

Dessa forma, apesar de a Constituição Federal Brasileira garantir o respeito e a liberdade de culto religioso, e as leis que punem atos de pré conceito terem se endurecido, casos de intolerância são cada vez mais comuns no momento atual.

De acordo com dados do Ministério dos direitos humanos, 39 % dos casos de denúncia por intolerância religiosa atingem adeptos das religiões de matriz africana. Essa repressão tem se configurado no formato de invasões, profanação de templos religiosos, destruição de imagens sacras, agressões físicas e verbais e até tentativas de homicídio. Tais práticas têm um percurso histórico impregnado de estereótipos onde tudo que é produzido pelo negro é desumanizado, desvalorizado e demonizado simplesmente por representar a ancestralidade negra.

É necessário salientar que do período colonial até os dias atuais muita coisa mudou no que diz respeito à forma como homens brancos e negros entendem o mundo. Nos últimos tempos a noção de raça deu lugar à noção de cultura, e a ideia de inferioridade e superioridade de raças deu lugar a noção de que os povos devem ser compreendidos em suas especificidades, a partir de sua cultura e não dos elos de uma mesma cadeia de desenvolvimento.

Embora as relações sociais construídas ao longo de todo o percurso histórico do negro no Brasil não mudem de uma hora para outra, a tomada de consciência de que os sujeitos não podem ser hierarquizados a partir de suas características biológicas, fortaleceram o movimento de afirmação da negritude, levando negros e mestiços a se orgulharem de sua cultura ancestral e de suas contribuições para a formação da identidade cultural brasileira.

A resistência como tema da narrativa

Tendo em vista que o território baiano é majoritariamente composto por negros, o tema da resistência recai no contexto literário de *Tenda dos Milagres* como meio de demonstrar a consciência adquirida por meio dos

discursos de reação às definições de papéis específicos





relegados ao negro e toda sua hereditariedade na sociedade colonial e contemporânea.

A temática da resistência é refletida etimologicamente como “manter-se firme” por Federico Lorenz e Augusto Sarmento Pantoja em *Memória e resistência* (2012, p.12). Estes teóricos salientam ainda que a forma de resistência com a qual se identificam, remetem à luta e ao esforço coletivo e afirmam que “as representações da resistência não se esgotam nos enfrentamentos armados ou na guerra”. Afirmção que leva o leitor compreender que a resistência de que tratam os teóricos, trata-se também de um conflito ideológico de forças que se opõem. Segundo estes teóricos:

A épica da resistência se constrói, também, na noção de um enfrentamento do forte contra o fraco, e da justiça contra a injustiça [...] Está ideia abreva e ganha força, então com imagens sobre bem e mal, do justo e do injusto. O pequeno e derrotado é por antonomásia alguém com a justiça do seu lado; por oposição o vencedor e o poderoso estão conotados de características malignas (LORENZ e PANTOJA, 2012,p13).

O conceito de resistência, portanto está atrelado a oposições de forças inerentes aos sujeitos. Implica em um embate de forças entre oprimidos e opressores, em uma espécie de representação de bem e mal.

Alfredo Bosi em *Literatura e Resistência* (2002.p.118), conceitua o termo resistência como: “Um conceito originariamente ético, e não estético”. Essa teoria evidencia que o tema da resistência é não somente técnico e normativo, mas também se constitui como uma oposição de forças contra um sistema opressor, que para permanecer requer a existência de uma força questionadora do poder dominante. Ou seja, nesse tipo de texto literário, ao mesmo tempo em que o narrador submete sua liberdade inventiva dentro de sua escrita, deixa explícito ou implícito suas ideologias e os valores em que acredita.

Cabe salientar que Jorge Amado, transferiu para a narrativa de *Tenda dos Milagres* suas concepções ideológicas de cunho marxista, e transformou o texto literário em um ambiente de debates em torno dos questionamentos da luta de classes, da repressão da cultura negro-mestiça e dos processos de construção das identidades das minorias negras.

Para se entender a ideia de resistência nesse contexto literário é necessário antes de tudo compreender que a teoria de resistência aqui proposta por Bosi, trabalha com a

associação entre a forma estética e a noção de resistência, analisando assim, duas vertentes da teoria: a resistência como tema da narrativa e a resistência como forma inseparável desta. Quanto ao significado de resistência, Bosi (2002) teoriza que:



O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir. (BOSI 2002, P. 118).

Em outras palavras, a resistência se dá no ato de recusar a submissão aos anseios do outro, uma reação às forças opressoras divergindo das ideias das forças dominantes e através disso promover um exercício de ruptura com os padrões e ideologias impostos pelas forças de opressão.

É dessa forma que o político e escritor Jorge Amado, munido de sua capacidade intervir na realidade social através da literatura, alcança o êxito desejado em *Tenda dos Milagres*, visto que é movido por ideologias e valores próprios. São esses valores e ideologias que impregnam sua escrita, as molas propulsoras que o impelem a agir e que a configuram como uma narrativa resistente.

Assim, ao trazer para dentro do texto literário discursos com o poder de denunciar, criticar e provocar reflexões, o escritor baiano promove o surgimento de um espaço de resistência e de recusa ao sistema opressivo que segrega brancos e negros. Nesse sentido esclarece Bosi:

Chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio. (BOSI, 2002, p.130).

Assim sendo, a tensão a que se refere Bosi, é o comprometimento ideológico no qual deve estar empenhado o narrador resistente, que através da escrita deve buscar combater as hegemonias opressoras, derrubando essa força através de seu discurso libertário.

Nesse contexto, Bosi (2002) frisa a importância de se detectar de forma acentuada dentro das narrativas o mais profundo sentido que faz da narrativa, uma obra de resistência. O referido autor afirma que:

Deve-se, porém, aprofundar o campo de visão. E detectar em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema. (BOSI, 2002, p. 129).



Nessa perspectiva é possível compreender que ao submeter determinada obra a uma análise aprofundada deve-se penetrar a fundo nos textos, no sentido de constatar quais as tensões presentes nessa narrativa, o que em *Tenda dos Milagres* fica evidente, visto que é perceptível a existência de críticas explícitas de caráter emancipatório que a traduzem como uma narrativa resistente.

O referido autor ainda propõe uma distinção entre a resistência como tema da narrativa e esta como forma indissociável a escrita. Assim para Bosi:

A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes. (BOSI, 2012, p. 130).

Compreende-se, pois, a narrativa de resistência como uma arte não conformista, uma vez que a tensão do Eu com o mundo se materializa através da escrita. Diante disso, deve-se entender literatura de resistência como um veículo a serviço da transformação da sociedade. Pois para Alfredo Bosi: (Bosi, 2002), “um narrador resistente é aquele que de determinada forma assumiu o compromisso com a coletividade, e se solidarizou com as lutas do outro, e busca com isso a formação de uma ética social humana e justa”.

Em consonância, narrativas de cunho resistente refletem um escritor crítico que abandonou a ideia de literatura apenas com função estética, mas apropriou-se dela e transformou-a em instrumento de expressão e denúncia, como fez Jorge Amado em *Tenda dos Milagres*. Assim, *arte pela arte*, que prioriza o estético e deixa às margens o conteúdo político e social da narrativa fica em segundo plano. Aqui o estético se entrecruza com o ético e dá força a uma literatura resistente, passando a contribuir não só com a arte, mas também com suas abordagens sociais e libertárias. De acordo com essas afirmativas, Bosi esclarece que:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo, se reconhece e põe em crise os laços

apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 2012, p. 134).

Conforme essa afirmação, a narrativa resistente tenciona utilizar as vozes dos personagens como uma ferramenta capaz de desconstruir os paradigmas preconceituosos e romper com as estruturas segregacionistas historicamente fixadas. Na narrativa de *Tenda dos Milagres*, Jorge Amado atribui essa responsabilidade ao personagem Pedro Arcanjo quando o transforma em um mestiço intelectual que questiona as ideologias de branqueamento e limpeza social vigentes na Bahia do final do século XIX. O romance torna-se com isso um mecanismo eficaz de ruptura com as potencialidades eurocêntricas de exclusão e silenciamento das forças oprimidas.

A resistência em *Tenda dos Milagres* nesse contexto vai muito além do seu valor artístico e imaginativo, ela se utiliza além de acontecimentos frutos da consciência criativa do autor, bem como de fatos inseridos em seu cotidiano, revelando o ímpeto resistente e engajado de Jorge Amado. Sobre isso Bosi assevera que:

É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, como ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (BOSI, 2012, p. 135).

Entende-se, portanto a resistência como uma estratégia utilizada no texto literário como mecanismo de luta pela inserção do sujeito em um contexto social digno, no qual sejam agentes de mudança, e tenham consciência do seu eu, e isso só se faz através do comprometimento com uma ideologia que busque combater a supremacia do opressor e suas várias formas de opressão ao bem social.

É nesse contexto que se busca aliar o tema resistência ao romance de Jorge Amado, pois segundo o teórico Alfredo Bosi (2002, p.118) no que diz respeito ao tema resistência: “O seu sentido mais profundo recorre à força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito”. Essa força de vontade, ou seja, às ideologias do sujeito são nesse sentido peças fundamentais para ato da resistência.





Tenda dos Milagres e a resistência negra

No ano de 1969, o escritor baiano Jorge Amado (1912-2001) publicava o seu segundo romance *Tenda dos Milagres* que ganhou notoriedade ao retratar com riqueza de detalhes os costumes, tradições e principalmente os dilemas da luta contra o preconceito racial e religioso em território baiano.

Militante comunista, Jorge Amado se tornou um dos maiores nomes da ficção regionalista nacional e nome de destaque no cenário do segundo tempo Modernista (1930-1945). Nasceu na fazenda Auricídia, em Ferradas município de Itabuna-Bahia, no dia 10 de agosto de 1912, e morreu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001. A vida do escritor foi marcada pela vivência entre as plantações de cacau, frequência aos terreiros de candomblé e em meio às lutas entre pais de santo perseguidos pela polícia. Estes acontecimentos influenciaram fortemente algumas de suas obras, entre elas a já supracitada *Tenda dos Milagres* (1969), *O sumiço da santa* (1988), e *Jubiabá* (1935), dentre outras.

Aos 16 anos, Amado tem seu primeiro contato com a religião de matriz africana e só tempos depois recebe do Pai de santo Procópio Xavier seu primeiro título dentro da religião: *Ogã de Oxossi* que na tradição do Candomblé representa um sacerdote responsável por auxiliar nas cerimônias religiosas. Ele teve papel decisivo na divulgação do Candomblé, visto que, muitas de suas obras os orixás, as mães de santo, *ogãs* e filhos de santo contribuem para com a composição do cenário e do cotidiano do território baiano.

Coincidindo com o término do Estado Novo. Amado foi eleito deputado pelo Partido Comunista Brasileiro. Enquanto parlamentar lutou em favor do direito à liberdade de culto religioso e propôs uma emenda constitucional que garantiu no Art. 5º da Constituição Federal de 1988, a liberdade de crença no Brasil que determinou que:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a

"TENDA DOS MILAGRES" DE
JORGE AMADO: A
RESISTÊNCIA NEGRA...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 152-172, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

proteção aos locais de culto e a suas liturgias;(BRASIL, 2019 p.17)

Dessa forma, como parte de seu legado enquanto deputado, Jorge Amado deixou a emenda 3.218 que até hoje serve de base na defesa do livre exercício de crença religiosa e no combate a casos de intolerância ainda tão presente na sociedade pós-moderna.



A narrativa de *Tenda dos Milagres* transcorre na Bahia na primeira metade do século XX. Nela, Jorge Amado recorre aos ritos religiosos, faz referências a entidades e Orixás, à capoeira, aos Afoxés e aos rituais de incorporação de divindades afro para assim, ascender os debates em torno da questão racial e pôr em pauta o processo de mestiçagem, com ênfase ao elemento negro e à religiosidade vinculada ao candomblé, gerada da ligação quase umbilical do Brasil com a África.

Comprometido com a retratação da realidade, em *Tenda dos Milagres*, o referido autor fez um apanhado histórico e cultural da sociedade baiana, do autoritarismo das elites e as lutas do povo mestiço por reconhecimento e espaço na sociedade. Tendo como pano de fundo, a vida boêmia e sofrida do mestiço Pedro Arcanjo, também designado na obra como *Ojuobá* “os olhos de Xangô”, o narrador põe em cheque os debates sobre raça e miscigenação, retratando toda repressão em torno da cultura, dos preconceitos e das relações conflituosas entre negros e brancos.

A trama faz um relato aprofundado a respeito do autoritarismo das elites brancas, das perseguições aos negros e mestiços por meio de proibições das práticas religiosas e culturais, e até mesmo por meio de invasões a templos religiosos, e proibições do desfile dos afoxés, como comprovado no excerto:

A polícia finalmente agiu em defesa da civilização e da moral da família, da ordem, do regime, da sociedade ameaçada e das Grandes Sociedades, com seus carros e graciosos préstimos de elite: proibiu os afoxés, o batuque, o samba, “a exibição de clubes de costumes africanos”. Ainda bem, antes tarde do que nunca. Agora podem desembarcar sábios austríacos, alemães, belgas, franceses, ou da loira Albion. Agora, sim, podem vir. (AMADO, 1971, p.71)

Em contrapartida há também referências à resistência negra que por sua vez recusa-se a apagar sua cultura e história e bate de frente com as forças policiais que em nome de uma suposta guerra santa, buscam



exterminar a cultura negra do território baiano, conforme comprova o seguinte fragmento:

O povo aplaudia o insubmisso valente desafio; onde já se viu doutor Francisco Antônio de Castro Loureiro, interino da polícia e branco de cu preto, onde já se viu carnaval sem afoxé, brinquedo do povo pobre, do mais pobre, seu teatro e seu balé, sua representação? Parece-vos pouco a miséria, falta de comida e de trabalho, as doenças, a bexiga, a febre maldita a maleita, a disenteria a matar meninos, ainda quereis senhor doutor Francisco Antônio Mata Negreiros, empobrecê-los mais e reduzi-lo? (AMADO, 1979.p.51)

Insubmissos, negros e mestiços se utilizam de sua identidade cultural como principal arma de luta. O impulso de Jorge Amado em retratar a cultura como meio de resistência se configura em discursos ideológicos e conseguem que, por meio da literatura e de seu enredo a problemática racial seja evidenciada.

Em *Tenda dos Milagres*, Jorge Amado apresenta personagens inspirados em personagens reais do período. Pedro Arcanjo, protagonista da narrativa, é um dos personagens que foi inspirado no intelectual afrodescendente Manuel Querino (1851-1923). Querino foi um dos pioneiros nos registros antropológicos e na valorização da cultura africana na Bahia e se destacou por escrever livros de caráter étnico e antropológico que faziam referência à genealogia da elite baiana, afirmando sua miscigenação com a raça negra pois, conforme Roger Bastide em *Candomblés da Bahia* (1958, p.8) “Querida antes de tudo mostrar a importância da contribuição africana à civilização do Brasil e exaltar o valor desta contribuição”.

O personagem central da narrativa, um mestiço pobre, e autodidata, bedel da Faculdade de Medicina da Bahia é descrito na epígrafe da narrativa como um “Pardo, paisano e pobre-tirado a sabichão e a porreta” (AMADO, 2008) o texto descritivo da conduta de Pedro Arcanjo define com exatidão a visão que se tinha de todo negro que ousava se destacar como intelectual na sociedade racista do período.

Pedro Arcanjo era a representação de tudo que a elite soteropolitana mais abominava: a mistura entre raças que segundo eles era símbolo de impureza e uma mancha a ser eliminada da sociedade baiana.

A narrativa transcorre na Bahia na primeira metade do século XX, e é retratada em dupla temporalidade (presente passado). Inicialmente a obra é narrada em um primeiro momento

em 1968, com a chegada a Salvador do prêmio Nobel de Ciências James Levenson, professor e antropólogo, americano encarregado de pesquisar a trajetória do até então, desconhecido Pedro Archanjo.



A chegada do nobre etnólogo da Universidade de Colúmbia provoca um verdadeiro rebuliço na capital baiana principalmente da mídia, por tratar da sua busca por conhecer de perto o passado histórico do até então desconhecido Pedro Archanjo. O fato dá início a uma verdadeira corrida na busca por informações a respeito da vida e obra do mulato pobre da ladeira do Tabuão. Esse momento da narrativa também refaz o percurso histórico no qual o Brasil estava inserido, marcado pelo autoritarismo e intolerâncias principalmente de raça e cor, problemáticas as quais até hoje o país encontra-se submerso.

Narrada em forma de *flashbacks*, o segundo momento da narrativa é demarcado pela descrição da vida boêmia de Pedro Archanjo, um mestiço pobre e mulherengo da ladeira do Tabuão, autodidata, estudioso da herança africana da Bahia, entusiasta da miscigenação e bedel da Faculdade Baiana de Medicina. Um negro intelectual, questionador e crítico que combateu por meio de sua escrita todos os preconceitos de cor e raça predominantes na sociedade da época. Archanjo tornou-se odiado nos meios acadêmicos, em especial na faculdade de medicina por escandalizar a ortodoxia da elite branca soteropolitana, defendendo e valorizando a mestiçagem e a crença nos valores étnico-culturais. Comprova-se essa afirmação com o seguinte trecho da narrativa:

O grande objetivo de Pedro Archanjo foi provar que o Brasil se tornou um país mestiço e que não se podia mais excluir o negro da sociedade, antes este devia ser valorizado. Ademais, criticava a comunidade branca no que tange à sua cultura, tendo em vista que nada que se valorizava na cultura branca era legitimamente brasileiro. Tudo não passava de uma cópia do europeu. Assim ele nos fala: “São mestiças a vossa face e a nossa face. É mestiça a nossa cultura, mas a vossa é importada” (TENDA DOS MILAGRES, 1977, 62 min).

A narrativa ainda conta a respeito da vida boêmia de Archanjo, seus amores, sua história, aventuras místicas, a amizade como tipógrafo e riscador de milagres Lídio Corró, sua morte em total esquecimento e o reconhecimento internacional de seu trabalho somente cem anos após sua

morte.



O mote para os debates em torno da questão de resistência na narrativa Amadiana é a intolerância praticada pelas elites aos costumes e tradições, de ancestralidade negra, e por intensos embates ideológicos entre Pedro Archanjo e seu antagonista e adversário intelectual Nilo Argolo, um médico legista conhecido por propor teorias racistas que tencionavam comprovar a superioridade da raça branca por meios científicos. A este se junta o também racista e ferrenho perseguidor de negros, o delegado Pedrito Gordo, inspirado no chefe de polícia Pedrito Gordilho, mais conhecido entre a população baiana por perseguir o candomblé e os capoeiristas e todos os adeptos da cultura negra na Bahia.

Em *Tenda dos Milagres* Jorge Amado narra os embates ideológicos entre Pedrito Gordo e o Candomblé na ocasião em que o delegado invade o Candomblé do Procópio:

Simultaneamente com o debate sobre miscigenação, viu-se Archanjo envolvido na luta entre o delegado Pedrito Gordo e os candomblés. Até hoje narram nas casas de santo, nos mercados e feiras, no cais do porto, nas esquinas e becos da cidade, diferentes versões, todas heroicas, do encontro de Pedrito e Archanjo, quando a atribiliária autoridade invadiu o terreiro de Procópio. Repetem sua resposta ao delegado mata-mouros, na frente de quem todos se borravam. No entanto, a perseguição aos candomblés era natural corolário da pregação racista iniciada na faculdade e retomada por certos jornais. Pedrito Gordo punha a teoria em prática, produto direto de Nilo Argolo e Oswaldo Fontes, sua lógica consequência. (AMADO, 1979, p. 130)

Ficam evidentes a todo o momento da narrativa discursos de transgressão e de resistência através do descontentamento experimentado pelos personagens que em seus discursos que buscam semear um novo comportamento de contestação à imposição branca.

Personagem supostamente inspirado na figura do médico e antropólogo brasileiro Raimundo Nina Rodrigues. Nilo Argolo é descendente da elite branca baiana que nutria verdadeira ojeriza à raça negra, e principalmente à mestiça. Em uma de suas teorias Argolo redigiu um artigo científico que descrevia os mestiços da Bahia em um título que previamente lhe revelava o conteúdo: *“A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços- o exemplo da Bahia”*. No documento, Argolo ressaltou a inferioridade da raça negra e destacou categoricamente que os negros da Bahia representavam: “Maior fator de nosso atraso, de nossa inferioridade, constituem os mestiços sub-raça incapaz”. (AMADO,

2008. p.92). Ainda neste excerto, Jorge Amado expõe a tentativa de Argolo de difamar a mestiçagem e desmerecer a tradição popular e a cultura negra, como se pode observar no excerto:



Quanto aos negros na opinião do professor Argolo, não tinham ainda atingido a condição humana: “Em que parte do mundo puderam os negros constituir Estado com o mínimo de civilização? Perguntara ele a seus colegas. (AMADO ,1979. p .92)

Com isso é possível observar que Argolo, personagem que refletia o pensamento da maioria da elite baiana, considerava o processo da miscigenação como um verdadeiro desequilíbrio social, por se tratar segundo ele de uma união forçada de seres atrasados a uma civilização superior.

É preciso salientar que o período em questão, mais exatamente no final do século XIX, e início do século XX, fulgurava no Brasil debates em torno do cientificismo e do evolucionismo, que rotulavam o sujeito da raça branca como pertencentes a uma raça superior, e negros e mestiços, os não brancos, raças inferiores incapazes de adaptação em sociedade.

Essa teoria encontrou adeptos também no Brasil, a exemplo do jovem médico baiano Nina Rodrigues como esclarece o sociólogo francês Roger Bastide em sua obra denominada *O candomblé da Bahia* (1961, p.7): “os livros se ressentem, sem dúvida, da época em que foram escritos e preconceitos raciais deformam-lhes as melhores páginas. Nina Rodrigues acreditava na inferioridade do negro e na sua incapacidade de se integrar na civilização ocidental”. Com isso é possível compreender que a ideologia a qual Nina Rodrigues era adepto e que ressurgiu na narrativa de Amado por meio de Nilo Argolo, refletia o pensamento da elite branca de Salvador no período em questão.

Opondo-se veementemente a Nilo Argolo, Pedro Archanjo é símbolo de resistência que serve de inspiração para os frequentadores da tenda dos milagres. Através de seus livros impressos na tipografia do melhor amigo Lídio Corró, Archanjo bateu de frente com as teorias racistas elaboradas com o aval da ciência e disseminadas através da faculdade de medicina, como se comprova no excerto:

168



livro mais importante do mundo. Publicando-o com tanto sacrifício, não ambicionava lucro. Queria, isso sim, esfregá-lo na cara “desses caga-regras, cambada de xibungos”, que consideram mulatos e negros seres inferiores, uma escala entre os homens e os animais. (AMADO, 1979, p.132)

Através dos personagens Pedro Arcanjo e Nilo Argolo, Jorge Amado traz à baila os debates em torno da ciência elitista e suas ideologias de cunho racista que contribuíram por muito tempo para determinar o perfil de potenciais criminosos a partir de suas características étnicas, doutrinas que deram suporte às inúmeras perseguições aos negros e sua cultura.

Em *Tenda dos Milagres* é forte a presença de elementos das crenças de matriz africana. Na trama, cultura e religiosidade se mesclam às questões inerentes ao racismo em tom de denúncia contra o extremismo da elite em tentar varrer do país toda e qualquer referência à raça negra, a começar pela Instituição do Candomblé, estigmatizado como magia negra, diabólica e animalesca. Prova disso são as inúmeras invasões a terreiros, e as proibições de circulação de qualquer manifestação cultural negra, amparadas pela força da lei e pelas elites da faculdade de medicina.

169

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossa pesquisa constatamos que o romance *Tenda dos Milagres* de Jorge Amado apresenta-se como pano de fundo para explorar por meio da cultura, os negros e suas tradições.

No percurso de nossa leitura e análise, descobrimos personagens com características fortes e que buscam em seu discurso situar-se dentro dos seus papéis utilizando de sua cultura e costumes, além do discurso marcado por crenças, tradições e vozes de realidade e ficção que ora se misturam e cabe ao leitor fazer o papel de intérprete dos diálogos.

Ressaltamos ainda que Jorge Amado introduziu na literatura uma obra rica em discurso de cultura por meio do romance *Tenda dos Milagres*, oportunizando diversos viés por onde o mesmo pode ser pesquisado e servir de fonte para estudos voltados para tal temática.

Assim, embora Jorge Amado não fosse negro, frequentemente utilizou as vozes de seus personagens para representar seu engajamento político e seu desprezo à segregação racial

"TENDA DOS MILAGRES" DE
JORGE AMADO: A
RESISTÊNCIA NEGRA...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 152-172, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

e social de que eram vítimas os afrodescendentes. Esse modo de fazer literatura adotada pelo escritor transcende o caráter ficcional e alcança níveis sociais. Por mesclar ficção e realidade, *Tenda dos Milagres* se traduz como uma literatura de resistência no instante em que Jorge Amado toma a realidade como matéria-prima, e traduz seus discursos e visão de mundo em forma de escrita, transformou-a em um veículo de debates e crítica acerca da marginalização do negro e da crítica social voltada à valorização de seu povo.



REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 28a ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971. 2 v.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**.3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Nacional, 1978.

BRASIL. **Constituição Federal** de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2020

CANEVACCI, M. Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

LORENZ, Federico. Resistências. In: SARMENTO PANTOJA, Augusto (et.all). **Memória e Resistência**: percursos, histórias e identidades. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**, 2.ed, São Paulo: Editora contexto,2012.

MOURA, C. Brasil: **raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.

NASCIMENTO, A. do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros; v. 30).



ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil**. Recife: Massangana, 1988.

SILVA, Lucília da; SOARES, Katia. **A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras**: o terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. Revista EDUC, vol. 01, n. 03, jan/jun, 2015. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2020.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2014.

WILLEMANN, Estela; LIMA, Guiomar de. **O preconceito e a discriminação racial nas religiões de matriz africana no Brasil**. Revista UNIABEU, vol. 3, n. 5, set/dez, 2010. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2020.

“TENT OF MIRACLES” BY JORGE AMADO: BLACK RESISTANCE AS AN INSTRUMENT OF CULTURE

Abstract: Black Africans and their mestizo and creole descendants have made enormous contributions to the formation of the Brazilian cultural identity. Many aspects of this culture, such as language, dance, and religion, have resisted the time and repression conducted by the colonizers, and today are part of the daily life of all Brazilians. Their history of suffering and struggle is added to the history of Brazil itself and serves as a guide to national identity. In *Tent of Miracles*, Jorge Amado addresses the issues of prejudice, racism, religious intolerance, militancy against prejudice and violence, and the extremism of whites in the face of African rituals and culture. Aiming to analyze the work through the resistance theory, we used as main theoretical contributions Bosi (2002), Pantoja (2012), Bastide (1971), Mattos (2012), and

Sousa (2014), who deals with Afro-Brazilian history and culture, and also Willeman and Lima (2016), who deal with issues of prejudice and religious intolerance in Brazil.

Keywords: Black resistance; Afro-Brazilian culture; Tent of miracles; Jorge Amado.

